

CONFERÊNCIA

O PAU BRASIL (*).

O plantio de um pé de “pau-brasil”, neste dia e neste lugar, é bastante significativo: marca o início da primavera e o começo do Jardim Botânico do Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo.

O “pau-brasil” é a árvore do Brasil, como diz Piso, visto que teve um papel preponderante na economia nacional, de maneira que seu plantio tem simbolismo histórico e, portanto, expressiva prioridade.

O “pau-brasil” deu nome a uma grande nação.

Existem em outras partes do mundo árvores com madeira vermelha, que por causa de sua matéria tintorial foram importadas pela Europa. Essa madeira era chamada *sappan*, nome que deriva do sânscrito *patang* e significa “vermelho”. A palavra “vermelho” traduzido para o latim era *brasilia*, tirado do termo “brasa”. Ocorre a palavra *Brasile* pela primeira vez num tratado de Muratori, de Ferrara (Itália), em 1128, nome dado justamente àquela madeira tintorial da Ásia. Quando essa madeira foi encontrada neste país, tomou também o nome de brasil.

Os nomes tupis do “pau-brasil” são *ibirapitanga* ou *ibirapiranga* que significam, da mesma forma, “pau vermelho”, semelhança extraordinária com o sânscrito *patang*.

Como curiosidade, seja lembrado o conceito de Nieuhof (1682) que afirma terem os índios dado o nome de *ibirapitanga* ao “pau-brasil” por causa de sua excelência.

Thevet (1558) e Lery (1578) chamaram o “pau-brasil” de *oraboutan* e *araboutan*, nomes êsses que nada mais são do que um estropiamento do nome tupi *ibirapitanga*, com pronúncia francesa.

Bauhin chama o “pau-brasil”, de *arbor brasilica*, e Plukenet de *acacia gloriosa, cujus lignum brasilica*. *Brasília* significa portanto

(*) — Palavras proferidas no dia da árvore de 1957, ao inaugurar-se o início do plantio do Jardim Botânico na Cidade Universitária de São Paulo (Nota da Redação).

“pau-brasil”, de maneira que a nova Capital do Brasil poderia ser chamada também “Pau-Brasil”.

Os portugueses escreveram: “pau do Brasil” ou “pau de tinta” (Gabriel Soares, 1578) e por isso foi chamada a terra recém-descoberta, onde abundava a tal madeira, de “Terra da Santa Cruz do Brasil” (Brandônio) ou “Terra do Brasil” (Martim Afonso, 1530).

E os que trabalhavam na extração, transporte e comércio do “pau-brasil” chamavam-se “brasileiros”, da mesma forma como os que trabalham em pedra se chamam “pedreiros”, etc. Eram os “homens que faziam brasil”, como diz Brandônio.

A propósito do nome do Brasil, o Prof. Pierre Deffontaines (na *Revue de Paris*), lembra que o mais curioso exemplo das relações do homem com a floresta é, sem dúvida, o Brasil, único país que tem seu nome tirado de uma árvore (*Correio Paulistano* de 8-9-1957).

Camões (Canto 10, estância 140) lamenta, porém, ter-se mudado o nome Santa Cruz”, pois, escreve: “Mas cá onde mais se alarga, ali tereis — Parte também, co pau vermelho nota — De Santa Cruz o nome lhe poreis”.

Da mesma forma pensa o historiador quinhentista, João de Barros. O conde de Ficalho, comentador dos “Colóquios dos simples” da autoria de Garcia da Orta (1563), diz que Barros lamenta ter sido mundado por influência do diabo o nome da Terra da Santa Cruz no de um país de um “pau que tinge panos”.

O pau-brasil na Botânica.

O “pau-brasil” é uma bela árvore copada, sempre verde, com tronco, ramos e galhos aculeados. As folhas são bipinadas, e os folíolos alternos nas pinas têm forma das de Buxo, como bem os compararam Thevet, Lery e Marcgrave. Barléu (1647) diz erroneamente que os folíolos são agudos e Nieuhof afirma terem espinhos nos bordos. As flores, em cachos, são amarelas, com as unhas avermelhadas e a quinta pétala em parte vermelha. O fruto é um legume equinulado. A floração se dá de outubro a dezembro e a frutificação de março a maio. Segundo Barléu e Nieuhof a árvore nem dá flor nem fruto, devendo propagar-se pelas raízes. Os mesmos dão também à casca a espessura de 3 dedos, quando na realidade só tem meio centímetro.

A primeira descrição científica, se bem que sem nomenclatura binária que só surgiu com Lineu, foi feita em Pernambuco por Marcgrave. É admirável como é exata essa descrição, embora um pouco baralhada, porque não foi ele que redigiu o texto e sim Laet, o cosmógrafo do Novo Mundo. Foi Marcgrave o primeiro

que deu o nome tupi correto, chamando a árvore de *ibirapitanga*. Isto foi em 1648.

Já Thevet e Lery descreveram algumas particularidades da célebre árvore, ao passo que outros apenas a citaram como sejam Gandavo, Fernão Cardim, Frei Vicente do Salvador e outros.

Depois de Marcgrave, Monnet de La Marck descreveu-a em 1783 com o nome binário de *caesalpinia echinata*, nome que até hoje conserva. O nome de *c. vessicaria* de Veloso caiu na sinónímia.

Infelizmente o “pau-brasil” foi pouco estudado, de maneira que não se conhecem bem suas variedades. Os autores citam as variedades: brasil açú, mirim, pitanga, araçá, tamarindo, douradinho etc. Mas tenho a impressão que se trata de variações ecológicas.

Bernardino José de Souza queixa-se amargamente do descaso em que está o estudo do “pau-brasil” e do pouco interesse dos naturalistas e dos governos e diz que a *acacia gloriosa* de Plukenet teria sido batizada por La Marck em vez de *caesalpinia echinata* de *caesalpinia infelix* (*inditosa*), se soubesse da má sorte desse nobre representante do jardim de Flora.

A madeira tem alburno claro e cerne cor vermelho-dourada, ela é pesada, dura, seca; crepita no fogo e não dá fumaça; a madeira é boa para tornear, para verniz e encerra um corante chamado brasilina, que oxidada se transforma em brasileína. E' um corante volátil e necessita de um mordente para torná-lo fixo; dêle tira-se uma espécie de carmim usado como laca líquida para pintura e foi usado para as miniaturas dos incunábulos e iluminuras.

E' por causa dessa matéria corante que o “pau-brasil” foi tão cobiçado. Piso conta que só se exportou o cerne em toros da grossura de uma perna, pois, só no âmago do pau está o brasil, como diz Brandônio.

Chegados à Holanda êsses toros foram reduzidos a raspas pelos presos das casas de detenção e entregues depois às tinturarias.

A madeira raramente foi usada para construção e obras, mas é ótima para marcenaria de luxo, marchetaria e arcos de violino.

O “pau-brasil” abriu o comércio com o Brasil.

Afirmam que a nau “Lemos” que levou a D. Manuel, rei de Portugal, a notícia do descobrimento da “Ilha de Vera Cruz”, carregou também toros de “pau-brasil”, além de animais da terra. Quando, em 1501, D. Manuel mandou o Capitão André Gonçalves para estudar a utilidade da nova Colônia, foi por êste informado que nada havia de útil a não ser grande quantidade de brasil.

Começou então a exploração ativa dêsse pau de tinta. A nau “Bre-tôa” levou nada menos de 5 mil toros. Não obstante alguns anos depois, D. Manuel, desencantado da colônia que só dava brasil, arrendou o comércio do “pau-brasil” a um consórcio de cristãos novos, cujo chefe era Fernão de Noronha, que renovou o contrato várias vêzes.

Não ficou oculta a outras nações a nova fonte de “pau-brasil”, de melhor qualidade que o da Ásia, e começaram a vir à terra do Brasil para carregar a preciosa madeira. Thevet relata que o tráfico do brasil era feito também pelos franceses logo que vieram a conhecer tal mercadoria e — diz êle — “Verdade é que os portugueses não suportam de bom grado a concorrência dos franceses que lá traficam em vários lugares, sob o argumento, aliás verdadeiro, de que são os proprietários dessa região, uma vez que foram êles os primeiros a descobrirem e dela tomarem posse”. Além dos franceses vieram também espanhóis, inglêses e holandeses que clandestinamente carregaram o “pau-brasil” oferecido pelos índios. Os portugueses, de fato, opuseram-se com tôdas as fôrças a êsse roubo de “pau-brasil”. No Rio Grande construíram um forte para evitar a entrada dos piratas franceses naquele pôrto, onde costumavam ir espalmar as suas naus e a prover-se de água e mantimentos e ainda a carregar de “pau-brasil” que compravam ao gentio da terra em troca de resgate. E’ Brandônio que relata isso.

Escreve Nieuhof que, quando os holandeses conquistaram parte do Brasil, encontraram grande quantidade dessa madeira já preparada e pronta para embarque. Essas partidas foram vendidas aos holandeses.

O “pau-brasil” enriqueceu o Brasil.

Os carregamentos de “pau-brasil” que se levaram para o Reino vendiam-se a 4 ou 5 mil réis (o quintal?). Era um bom negócio, pois, relata Brandônio, “há homens dêstes que fazem brasil que colhem cada 1 a 2 mil quintais que carretam com seus bois e vendem por preço de 7 a 8 tostões o quintal. E por êste modo se tem feito muitos homens ricos”.

O carregamento de 1500 quintais de “pau-brasil” que em 1555 seguiu para Portugal alcançou o preço de 80 mil réis, isto é, um quintal a 80 réis. Fernão de Noronha exportou anualmente 80 mil arrobas portugûesas igual a mil toneladas, e isso por muitos anos.

Brandônio diz do seu tempo (1618) que as riquezas do Brasil consistiam em seis coisas, com as quais seus povoadores se faziam ricos, a saber:

1) A lavoura de açúcar; 2) a mercância; 3) o “pau-brasil”; 4) os algodões e madeiras; 5) a lavoura de mantimentos e 6) a criação de gado.

De acôrdo com isso, Roberto Simonsen divide os ciclos econômicos em 4 itens: ciclo do “pau-brasil”; ciclo do açúcar; ciclo da pecuária e ciclo da mineração.

Na ordem cronológica do século XVI ao século XX, podemos — diz Bernardino José de Souza no seu livro: “O “pau-brasil” na História Nacional” (1939) — dividir a história econômica brasileira assim: 1) ciclo do “pau-brasil”; 2) ciclo do açúcar; 3) ciclo do ouro; 4) ciclo do café.

Os ciclos começaram em épocas diferentes, porém funcionaram quase simultaneamente, pois, o primeiro ciclo terminou em 1875 e os outros continuam ainda. Os ciclos do “pau-brasil” e do açúcar começaram no Sul e terminaram no Norte do país, sendo que o do açúcar continua ainda, ao passo que o ciclo do café começou no Norte e alcançou o climax no Sul.

Todos êsses ciclos deram divisas para o Brasil; são ainda seus esteios econômicos, com exceção do do “pau-brasil”.

O corte de “pau-brasil” levou a derrubadas tão grandes que a própria árvore foi extirpada, a tal ponto que começou a minguar o fornecimento dêsse pau e, ao mesmo tempo, o transporte ficou tão caro que não compensava mais o comércio, visto que só havia matas de “pau-brasil” a grandes distâncias. A última remessa de “pau-brasil” para a Europa data de 1875.

Deu-se êste “debaacle” formidável por dois motivos: com a descoberta da anilina e corantes tirados da hulha, o “pau-brasil” perdeu seu valor. Coincidiu com êste fato a raridade do “pau-brasil”, pois, os fornecedores arrancaram até as raízes, de maneira que não houve mais brotação.

Do “pau-brasil” nasceu o nome Brasil, dêle nasceu o próprio Brasil.

O “pau-brasil” era a primeira mercadoria procedente do Brasil e enriqueceu a muitos, brasileiros e estrangeiros, mas foi também a primeira vítima da ganância dos homens.

Acredito que tôdas as árvores de “pau-brasil” teriam sido extirpadas se houvesse ainda procura da madeira depois de 1875, como está acontecendo agora com as nossas madeiras de lei, apesar das proibições por parte do govêrno.

Porém todos podem tranqüilizar-se, porque ainda há “pau-brasil”. Vi em Pernambuco muito “pau-brasil” que foi poupado e brotou das cepas ou tocos e essas árvores atingiram já grande altura e volume respeitável. Nas matas semi-xerófilas de Pernambuco, em terras sêcas e entre pedras, ainda cresce essa formosa estirpe.

E aqui temos diante de nós um exemplar, proveniente de sementes de Pernambuco, para inaugurar o plantio do Jardim Botânico da Universidade de São Paulo. E' bem um símbolo do Brasil, porque ostenta as côres da gloriosa bandeira nacional com sua folhagem verde e suas flores amarelas sôbre o fundo do céu azul.

O "pau-brasil" por causa do seu simbolismo sempre teve a prioridade da ser plantada no dia da árvore desde há muitos anos, pois, lembro-me que em 1925 o Prof. Dr. Manuel A. Pirajá da Silva, agraciado há pouco pela Universidade de São Paulo com o título de "Doutor honoris causa", plantou um "pau-brasil" em frente ao Ginásio Oficial da Bahia, proferindo um substancioso discurso.

Mas também o "Ipê amarelo" que acabamos de plantar, merece um lugar aqui, por ser uma das mais bonitas quando em flor. Ostenta por sua vez a côr auriverde, tendo sido declarado por isso a flor do Brasil.

São símbolos da unidade nacional, porque genuinamente brasileiros, só crescem no Brasil.

O "pau-brasil" e o "ipê" simbolizam neste instante tôdas as árvores.

Respeitemos e veneremos, rendamos culto ao "pau-brasil" que aqui está para ensinar aos estudantes a mentalidade florestal, incitando-os a pôr um dique à devastação das nossas matas e à transformação do Brasil e de São Paulo num deserto.

Queira Deus abençoar a acácia gloriosa, o "ipê" e a todos que protegem as árvores.

D. BENTO JOSE' PICKEL, O.S.B.

Do Museu do Horto Florestal da Cantareira.